



Lucicleide / Divulgação

Prof.ª. Dr.ª. Lucicleide Araújo de Sousa Alves

Graduada em Pedagogia pelo Centro Universitário do Distrito Federal (1993). Especialista em Administração Escolar pela UNIBRASIL (1995), em Tecnologias em Educação pela PUC/RJ (2007), em Design Instrucional pelo SENAC (2015) e em Educação a Distância e Novas Tecnologias pela FAIARA (2016). Mestre em Educação (2010) e doutora em Psicologia (2017) pela Universidade Católica de Brasília. Educadora na Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal (SEEDF) desde 1989. Atua em programas de Educação a Distância como professora/tutora. Atualmente trabalha na Diretoria de Mídias e Conteúdos Digitais coordenando projetos de Informática na Educação, no sentido de promover a utilização das TDICs como apoio ao desenvolvimento do Currículo da Educação Básica na Rede Pública de Ensino do Distrito Federal, junto aos Núcleos de Tecnologia Educacional na formação de professores, gestores e alunos para o uso da tecnologia na educação. Atuou como Consultora da Rede Pedagógica da TV Escola - MEC. Autora dos livros: *Didática Transdisciplinar: um pensar complexo sobre a prática docente* (2011). *Didática Transdisciplinar: a teoria - Livro 1* (2015), e *Estratégias didático-transdisciplinares: a prática e a teorização - Livro 2* (2015). Contato: lucicleide.ead@gmail.com.

O papel das instituições escolares e da formação continuada na apropriação das tecnologias nos processos de ensino e aprendizagem

1. Revista *Com Censo* (RCC) - O fortalecimento dos espaços de formação docente é fundamental para que o uso de tecnologias digitais de informação nos processos de ensino e aprendizagem aconteça de modo efetivo. Como essa questão vem sendo tratada no âmbito da rede pública de ensino do Distrito Federal?

Lucicleide - A utilização das tecnologias como recursos potenciais que possibilitem o desenvolvimento e a aprendizagem dos estudantes ainda está longe de ser realidade na maioria das escolas públicas do Distrito Federal, ainda que tenhamos consciência de seus inúmeros e significativos avanços. No entanto, ainda são muitos os desafios a serem superados e os caminhos a serem construídos para uma prática pedagógica que contribua para uma maior qualidade na educação, tendo como suporte as tecnologias.

Neste contexto, o papel dos formadores dos Centros de Referência em Tecnologias Educativas (CRTEs), em parceria com a Diretoria de Mídias e Conteúdos Digitais, tem se mostrado de fundamental importância. Por meio dos cursos de formação ministrados pelos formadores, iniciativas criativas, por parte dos professores cursistas, têm sido despertadas, com resultados promissores. Os artigos desta edição da revista mostram a importância de investimentos cada vez maiores em espaços formativos e, principalmente, nos espaços já especializados em questões dessa natureza, como os CRTEs.

Desde o ano de 2010, o Distrito Federal conta com 14 CRTEs, distribuídos nas Coordenações Regionais de Ensino (CREs). São eles: CRTE Ceilândia, CRTE Brazlândia, CRTE Gama, CRTE Guará, CRTE Núcleo Bandeirante, CRTE Paranoá, CRTE Planaltina, CRTE Plano Piloto/Cruzeiro, CRTE

Recanto das Emas, CRTE Samambaia, CRTE Santa Maria, CRTE São Sebastião, CRTE Sobradinho e CRTE Taguatinga.

Os CRTEs são constituídos por equipes interdisciplinares destinadas à formação continuada de professores e gestores para a introdução das Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) nos processos de ensino e aprendizagem. São educadores especialistas em tecnologias na educação e capacitados para atuarem em processos formativos para o uso pedagógico das TDICs. Esses educadores têm como um de seus objetivos disseminar o uso das TDICs nas escolas, bem como oferecer suporte técnico e pedagógico para a execução e o desenvolvimento dos programas provindos das áreas federal, estadual e municipal.

É importante assegurar que transformações pedagógicas na educação não dependem somente da instalação e da presença de equipamentos tecnológicos nas escolas. Urge repensar a questão da dimensão do espaço e do tempo escolares. Da mesma forma, os processos de autonomia e de autoria podem servir como propulsores rumo a novas configurações subjetivas no interior dos espaços formativos e escolares, estimulando vivências e experiências com sentido e significado, integrando escola, universidades e cultura digital.

2. RCC - Considerando esse cenário, que iniciativas você acredita que poderiam contribuir para aumentar o número de oportunidades e também a qualidade dos cursos atualmente disponíveis que focam na articulação entre educação e tecnologia?

Lucicleide - Minha visão particular é de que a formação de professores para a utilização das TDICs deve ser pensada e elaborada em conjunto “com” os professores – ao invés de ser uma formação desenhada “para” os professores. Em outras palavras, é urgente priorizar propostas voltadas para a formação dos professores, e não para o treino. Apertar botões, ter conhecimento de programas e mais programas, que não fazem o menor sentido para os professores – não colabora para o compromisso destes com o seu próprio desenvolvimento e o desenvolvimento dos estudantes. O mais importante é o que podemos fazer com as técnicas, que possibilitem e favoreçam a aprendizagem e o desenvolvimento, pesquisando, criando, elaborando e reelaborando, por meio de projetos desafiadores.

O uso de tecnologias em sala de aula também não depende apenas da disposição do professor(a), de competência e fluência tecnológica, ainda que estas sejam necessárias; mas, também, de um contexto favorável, em que a escola esteja equipada com os recursos necessários, com infraestrutura adequada, professores em formação continuada e processos de gestão mais condizentes com a realidade contemporânea. Este é um conjunto de medidas que requer o envolvimento de vários setores no âmbito das esferas federal, estadual e municipal, para que a tecnologia possa de fato fazer parte da realidade educacional.

Em minha opinião é importante encorajar a reelaboração de programas educacionais formativos que ampliem as potencialidades dos docentes, oferecendo espaços os mais

diversificados de oportunidades, para que eles possam compreender melhor a sua própria realidade profissional e os seus problemas inerentes. Deste modo, em colaboração com seus pares, os professores são estimulados a encontrar soluções possíveis, a partir da leitura e da observação do que ocorre em seus próprios contextos educativos. Em resumo: uma formação em conformidade com as suas peculiaridades culturais.

Os cursos de formação para o uso de tecnologias na educação oferecidos pelos CRTEs devem continuar a abrir espaços para o exercício da autoria, oferecendo o máximo de oportunidades aos professores para experimentarem os recursos tecnológicos, engajando-os em atividades desafiantes que possam ser efetivadas e observadas em sua própria prática docente, para serem relatadas em forma de registro escrito e oral em momentos de processos formativos subsequentes, com vistas à apresentação dos seus efeitos na sala de aula, para verificação de suas repercussões e seus resultados nos processos de desenvolvimento e aprendizagem. Dessa forma, soluções em conjunto com os pares poderão ser apresentadas para o combate à imobilização da escola em relação à utilização dos recursos tecnológicos como aliados do ensino e potencializadores da aprendizagem.

Investimentos em políticas públicas de formação são fundamentais para a utilização pedagógica das tecnologias em sala de aula, tendo como parceiros os formadores como os dos CRTEs, juntamente com os pesquisadores de instituições de ensino e pesquisa e os professores da Educação Básica. Ou seja, Escolas, Universidades e Centros de Referência em Tecnologias Educacionais atuando em sinergia.

3. RCC - A utilização de tecnologias em contextos educacionais, como você apontou, frequentemente depende da disponibilidade de uma estrutura física adequada. De um modo geral, o que os estudos acadêmicos acerca desse tema revelam sobre a realidade das escolas públicas do Distrito Federal?

Lucicleide - Pesquisas sugerem que a questão da infraestrutura das escolas públicas do Distrito Federal ainda representa um dos principais entraves para o acesso, apropriação, utilização e desenvolvimento de propostas pedagógicas nas quais as tecnologias sejam efetivamente utilizadas no interior das salas de aula. De modo específico, quanto aos computadores e ao acesso à internet, há uma diversidade de diferentes realidades. Há escolas em que os professores já fazem uso de recursos tecnológicos, inclusive de celulares, em sala de aula. Há outras em que ainda está começando a implantação de laboratórios com os computadores recebidos pelo Ministério da Educação (MEC). Há escolas que ainda compreendem que o uso de tecnologias deve acontecer somente no espaço do laboratório de informática. Há escolas que aguardam a lotação de um professor responsável pelo laboratório para inclusão das tecnologias em seus planos de atividades educativas. Há escolas em que o número de computadores não é suficiente para atendimento aos alunos, com qualidade. E há, também, os professores que ousam diante desse cenário complexo,

principalmente por meio do uso de recursos tecnológicos próprios – abrindo, assim, novos caminhos e possibilidades pedagógicas para tornar o uso de tecnologias em sala de aula uma realidade possível. Na pesquisa que realizei, intitulada: *Repercussões da formação para o uso de tecnologias na subjetividade de professores, numa perspectiva de complexidade e autoria*, em relação ao acesso às tecnologias digitais de informação e comunicação e de uso pessoal, dos 183 participantes -, foi constatado que 85% (155) dos professores da rede pública possuem *notebook*, 83% (152) possuem *smartphone*, 54% (100), computador de mesa e 39% (72), *tablet*, com acesso à internet. Ou seja, aproximadamente dois terços dos professores da rede pública de ensino do Distrito Federal estão tendo acesso à internet, porém utilizando-se de seus próprios meios tecnológicos para conectarem sua realidade escolar com a cultura digital.

4. RCC - As constantes inovações tecnológicas que caracterizam o mundo contemporâneo trazem consigo oportunidades para novas práticas educativas; mas também demandam que os professores mantenham-se sempre atualizados. Em sua opinião, que posturas podem ajudar os educadores diante dessas transformações?

Lucicleide - A educação do presente requer profissionais em sintonia com a realidade, professores pensadores, ousados, conectados e dispostos a inovar, a integrar os espaços das salas de aula presenciais com os das salas virtuais. Nesse sentido, as escolas, os CRTes e as universidades são os espaços favoráveis para os professores se apropriarem da natureza dos conhecimentos, ou seja, dos processos sócio-histórico-culturais da humanidade.

Planejar, incluindo na dinâmica da sala de aula situações de aprendizagem que despertem nos alunos o desejo de estar o tempo todo aprendendo e em contato com a cultura da humanidade é o grande desafio para aulas mais dinâmicas, criativas e integradoras. É importante estimular, portanto, a construção de processos didático-pedagógicos mais interconectados – para que as disciplinas possam comungar, possam se entrelaçar e possibilitar que os saberes transitem sem fronteiras nas salas de aula, e que os estudantes possam perceber e fazer as conexões necessárias entre os diferentes saberes, produzindo conhecimentos mais pertinentes para sua vida, tanto pessoal quanto profissional.

A aprendizagem por projetos possibilita o contato com as múltiplas linguagens – por meio da música, da arte, do teatro, de passeios culturais, excursões, etc. Aprendendo por meio de projetos, estratégias didático-transdisciplinares e metodologias ativas, possivelmente o(a) professor(a) ensinará por meio destes também. Agindo dessa forma, poderemos dar um salto qualitativo, tendo em vista o imperativo de reverter o modelo disciplinar, que pode ser revitalizado para um modelo transdisciplinar e mais libertário, com possibilidades de um aprendizado mais amplo e diverso em quaisquer espaços formativos, tendo como suporte as tecnologias digitais.

É preciso urgentemente repensar os contextos educativos, os currículos, para que, dispostos a ousar, professores e estudantes sejam capazes de avançar rumo a novas construções de saberes, com criatividade e autoria, focando na busca de um bem viver e um bem-estar nos espaços formativos e nas salas de aula, tanto presenciais quanto virtuais.

Nesse sentido, existe a necessidade de fomentar espaços dialógicos, voltados para a disseminação dos estudos que primem pelo uso da tecnologia por parte dos professores em sala de aula e durante os cursos de formação, por meio de novas práticas que potencializem e foquem no desenvolvimento e na aprendizagem dos estudantes como autores e produtores de conhecimento. As tecnologias – compreendidas como instrumentos culturais mediadores e com foco pedagógico – suscitam processos para abertura de inovadores caminhos que permitem potencializar a prática pedagógica e as aprendizagens.

Ao se trabalhar com tecnologias na educação mudanças de postura tanto por parte dos docentes quanto dos discentes são necessárias, para provocar as transformações esperadas. Exigem-se professores mais ousados, proativos, capazes de despertar em si mesmos e no outro (estudante) o desejo por aprender ao longo da vida, por meio de situações criativas de experiências mais interessantes e significativas. Isso requer do(a) professor(a) autoria docente, criatividade e ousadia, pois a utilização de tecnologias em contextos educativos que despertem no aluno uma aprendizagem significativa exige do(a) professor(a) o planejamento de uma aula em que sejam incluídas atividades que envolvam o aluno no processo educativo, tirando-o de uma condição passiva para uma mais interativa. Neste sentido, a utilização de metodologias transdisciplinares ativas é fundamental, pois esta proposta compreende o estudante como protagonista de seu próprio processo construtivo de conhecimento, atuando e interagindo.

Ressaltamos que o investimento em políticas públicas de inclusão digital, requer investimentos em recursos humanos para dar continuidade aos processos de formação e na infraestrutura, para que, dessa forma, toda a comunidade escolar possa ter acesso ao que lhe é de direito, como parte do processo sócio-histórico-cultural da humanidade: a cultura digital. Para que as tecnologias possam ser integradas à educação, se faz necessário que a distribuição de recursos tecnológicos, o suporte técnico destes e a formação caminhem juntos, pois são processos interdependentes, que requerem ações mútuas e em sintonia, para ações mais concretas e efeitos promissores no que diz respeito ao uso de tecnologias nos contextos educativos.

Somos favoráveis que a tecnologia esteja disponível nas escolas; porém, com as condições necessárias para seja feito um bom uso, com qualidade, pois assim estaremos formando cidadãos críticos, interativos, a partir de experiências vividas com sentido nos mais diferenciados espaços formativos, para além do simples preparo para o mercado de trabalho, mas para toda uma vida, na relação com o outro e mediante o contato com os bens culturais produzidos pela humanidade. ■